

## *A narrativa cabo-verdiana, nacionalidade e nacionalismo*

ALBERTO CARVALHO  
Universidade Clássica de Lisboa

### 1. APRESENTAÇÃO DE CABO VERDE, ILHAS CRIOULAS

Um aspecto de muito evidente relevo na literatura cabo-verdiana, e de importante significação cultural, consiste no emprego do português como linguagem mediadora na sua escrita de expressão criativa. E, no entanto, a questão tende para as práticas comuns, por ser extensível à grande maioria dos países de independência recente, nomeadamente africanos, onde o recurso às línguas de origem europeia (português, francês, inglês) tem por fundamento as vivências históricas partilhadas entre colonizados e colonizadores. O argumento de justificação mais aparente assenta no princípio da comunicação englobante na ordem do nação-Estado, por necessidade de instituir um curto-circuito comunicativo sobre as línguas vernáculas, contadas por várias dezenas em muitos deles.

Sendo Cabo Verde um país monolíngue, com uma língua-mãe crioula, a função que aí incumbe ao português desempenhar tem então alguma coisa de ambíguo, além do mais num ambiente sócio-cultural com características históricas que reproduzem muito de perto uma parte significativa dos processos que se registam na organização das sociedades europeias. Por serem ilhas desertas ao tempo do seu descobrimento (cerca de 1460), a formação dos agregados sociais encontrava-se por isso livre de quaisquer pressões de matrizes étnicas autóctones. As formas culturais típicas que nelas se desenvolveram puderam seguir caminhos paralelos, como na Europa, em planos de nível sobrepostos, a de expressão oral, com uma função envolvente, e a de registo escrito, nomeadamente ao serviço dos poderes na Administração, nas actividades comerciais e na difusão missionária.

Enquanto a linguagem crioula se formava, dando voz às formas originais de cultura popular de expressão oral e à personalidade do homem cabo-verdiano, ficava reservado à escrita em português a produção intelectual de cunho erudito atraída pelo prestígio da esfera do poder. Mas, ao contrário da trajetória histórico-cultural europeia que se encarregou de isolar e tornar por completo incomunicáveis estas duas séries, no cenário crioulo os espaços da oralidade e da escrita puderam manter-se em posição de mutuamente se (ad)mirarem nos seus quesitos de valor intrínseco. Daí ser normal que entre eles se verifiquem impulsos injuntivos, de um lado, com o registo de casos em que as populações manifestamente festejavam os seus escritores e, do outro, com os autores da escrita erudita a serem com frequência levados, por desejo de visita às fontes matriciais, a escreverem em crioulo e empregarem formas literárias, estilos e temáticas próprias dos meios populares de expressão oral.

Encarada a questão pelo ângulo da linguagem metafórica, pode-se dizer que este povo-nação se alicerça sobre uma narrativa em circuito fechado, compreendendo um muito nítido «incipit» inaugural étnico (a partir de um espaço anterior por completo vazio de gentes), uma história preenchida por mediação de protagonismos humanos vários, e um «excipit» completivo que tem a sua expressão mais acabada na forma de ser do homem crioulo e na visão que o faz estar no mundo. O seu protagonismo social tende a obedecer assim a uma diegese que assenta na lógica especular da reciprocidade, cabendo à vida das ilhas engendrar e condicionar em profundidade os motivos da acção das gentes e, inversamente, serem também elas por inteiro modeladas pela memória cultural dos homens.

## 2. ISOTOPIAS SÓCIO-CULTURAIS DOMINANTES

A primeira consequência destas determinantes formativas, de recíproca projecção, consiste na muito directa identificação entre as expressões poéticas e narrativas e os espaços, tomando-a como efeito figurativo sobre os três níveis mais comuns da representação literária, como referente da realidade, como referência textual e como uma metáfora de valores culturais. Na base de todas estas representações, mesmo das mais abstractas e subjectivas, encontra-se sempre a dimensão sensorial das realidades físicas, devido à modelação do imaginário humano pela imponência do espaço geográfico, pela descontinuidade do território (um arquipélago de dez ilhas macaronésias, fazendo conjunto com as Canárias, a Madeira e os Açores) e

pela climatologia intertropical da zona saariana. Ao défice radical de recursos naturais soma-se o de bens agrícolas por secas prolongadas, causa directa de um processo histórico de fluxos migratórios que tornam muito comum o protagonismo da viagem, significando, ao mesmo tempo, a experiência histórica da diáspora, de outros países, de «outrem», e a desposseção de «si-mesmo», tudo averbado num currículo feito de necessidades, de contrariedades e de contradições várias.

Um quadro sumário de perfil psicológico do crioulo cabo-verdiano dirá que, nele, se contrapõem o desenraizamento do homem emigrante por necessidade económica e o desejo reactivo de se manter fixado no lugar materno protector (ilha tomada por símbolo mítico de acolhimento). E isto de maneira contraditória todavia, porque à ilha (às ilhas de Cabo Verde) cabe também ser um factor de insularização, de isolamento e obstáculo à relação de fraterna troca intelectual e de convivência com esse «outrem». Entre estes dois mundos ergue-se a magestade absoluta do grande mar que, entretanto, a prática da vida transforma em elemento de relação sob distintas configurações. Na sua forma mais comum, o mar intervém como espaço doméstico óbvio de vivência e de fragmentação da sociedade na rede de contactos inter-ilhas. No lugar oposto, a sua magnificação compõe o espaço mítico da odisseia tradicional, dos emigrantes baleeiros envolvidos em façanhas heróicas. Entre um e outro destes extremos emerge o mar-oceano com o seu vasto horizonte de partidas e de chegadas, obstáculo e estrada no estabelecimento do contacto e relação com o grande mundo.

### 3. PANORÂMICA LITERÁRIA

Em sociedades de historicidade recente torna-se patente o papel decisivo da imprensa e da escolarização na formação das literaturas, representadas em Cabo Verde pela fundação do Prelo Oficial (em 24/8/1842) e de algumas Escolas de Ensino Secundário (entre 1848 e 1866). Acompanhando o desenvolvimento da rede escolar, surgem as instituições de cultura popular e as bibliotecas de vocação pública, num todo que contextualiza tanto o sistema comunicativo de registo escrito como a pedagogia do gosto pela escrita e pela leitura. E são os «filhos da terra», que protagonizam estes processos, quem vai dar forma a uma burguesia que se ilustra como consciência activa de nação emergente, sincretizando, em salutar anacronia de valores, ao mesmo tempo uma atitude estética de tendência clássica (disseminada nos programas do Seminário-Lyceu, 1866) e uma dinâmica

social de crença no progresso, sob o impulso optimista das ideologias liberais da segunda metade do Séc. XIX.

São por isso evidentes as práticas da escrita de sentido estético divergente entre as últimas décadas do Séc. XIX e o surgimento da Modernidade em meados da década de 1930. A poesia orienta-se para formas e temas que, no essencial, respondem pelo ideário fundador da arte da escrita como expressão convencional, embelezada, da realidade e, também, como expressão romântica da subjectividade individual, por modelagem do muito difícil quotidiano da vida. Praticamente confinada ao jornalismo que entretanto se vai impondo, a prosa incumbe-se do exercício das ideias modernas que afinam a consciência dos homens acerca dos seus problemas sociais, sob um regime colonial que não favorece tanto quanto devia a débil situação económica das ilhas.

Do ponto de vista historiográfico, esta sequência de oito décadas (cerca de 1850-1930) constitui, como se sugeriu, o tempo de instituição da escrita como sistema estável, base e condição para o lançamento de uma pedagogia autóctone, e essencial à formação das elites que vão representar, no plano intelectual e cultural, os valores e ideais da nação emergente. Habitualmente identificada pela revista *Claridade* (n.º 1, Março de 1936), a modernidade cabo-verdiana vai traduzir visivelmente o amadurecimento cultural e político daquele período anterior, assumido-se como competência cultural reorientada agora de acordo com as dominantes actuais do realismo. Os testemunhos correntes anotam, a este respeito, o precedente inspirador do modernismo brasileiro nordestino, cujas temáticas e motivos revelavam nítidas afinidades de ambiência histórica colonial e de geografia tropical de áreas de seca.

Na circunstância real de falta de recursos técnicos e de meios práticos, o processo que se tornou regra nesta economia cultural consistiu, por um lado, na dinâmica dos agrupamentos geracionais e, por outro, na agregação dos autores em torno de órgãos colectivos, de tipo Revista ou Suplemento de publicação periódica. Uma vez fixada a baliza inicial de *Claridade*, podem-se rastrear, em cadência epocal, os títulos, *Certeza* (revista, 1944), «Suplemento Cultural» (da revista *Cabo Verde*, 1958), *Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes* (1959), «Seló» (suplemento do jornal *Notícias de Cabo Verde*, 1962). Depois do intervalo abrangido pelo tempo de lutas de «libertação nacional», de actividade literária dispersa, empenhada em temáticas nacionalistas, ressurgem a lógica da publicação periódica com os títulos *Raízes* (revista, 1977), *ponto & vírgula* (revista, 1986), *Fragments* (revista, 1987), *Pré-Textos* (revista, 1992) além de vários outros títulos de

menor expressão cultural, em várias ilhas, alguns ligados a organismos da Administração Pública.

Uma das lições a extrair desta sucessão geracional consiste na evolução das suas orientações estéticas e, assim, na informação quanto à ideologia dos respectivos autores e aos caminhos das suas poética e conteúdos. Conforme as transformações ocorridas nos tempos políticos, o aprofundamento da consciência nacionalista e a determinação de independência nacional, as linguagens tendem para a lógica do compromisso, da afirmação autenticadora e da recusa da situação colonial. Nuns autores de maneira mais velada pelos implícitos de conotação, em outros pela referência directa de denúncia e de acusação, este processo de crescente agressividade tem por limiar culminante a declarada linguagem do empenhamento na luta, clandestina ou refugiada algures, militante e quase panfletária a partir do início da década de 1960.

Sendo embora comum reconhecer-se a persistência, todavia matizada, do ideário de afirmação nacional do grupo da revista *Claridade* até aos anos da Independência nacional (1975), nem por isso deixava de se registar e de se aprofundar o cultivo de uma poética orientada para as práticas literárias mais ou menos irredutíveis à representação directa da realidade. A espacialização gráfica do discurso (sobretudo na poesia), a valorização das linguagens conotativas e figurativas, a exploração dos ilogismos da gramática da frase e dos mundos onírico e insólito, a expansão cosmogónica dos limites do mundo e a confusão entre níveis de estruturação dos textos, são alguns desses procedimentos discursivos não realistas que, de maneira irregular, se desenvolvem até se tornarem correntes a partir da década de 1980.

#### 4. AUTORES E OBRAS

Todas as dominantes temáticas, poéticas e narrativas, exploradas pelos autores do grupo inicial da *Claridade* (nomeadamente Jorge Barbosa, Baltasar Lopes e o seu pseudónimo Osvaldo Alcântara e Manuel Lopes) respondem a parâmetros de escrita que realizam a generalidade das problemáticas mais comuns dos vários realismos actuais, no entanto modelados pelo que antes designámos por *lógica especular da reciprocidade*. Seguindo a tendência da poesia contemporânea de intenção não confessional, a poética instituída por este grupo *Claridade* obedece vincadamente à função referencial como figuração documentativa dos vários níveis das realidades da

vida quotidiana. Um dos seus elementos valorativos continua no entanto a ser o discurso de representação do sujeito, «narrador»/autor, também ele parte incluída nessas realidades, refractado pelas vivências que o implicam nos problemas das ilhas em relevo sobre a imponente telúrica do espaço e do tempo.

No que respeita à «narrativa curta» são elucidativos os contos de Baltasar Lopes (*Os Trabalhos e os Dias*, 1987) e de Manuel Lopes (*Galo Cantou na Baía*, 1984). A narrativa na primeira pessoa verbal é, em geral, uma forma corrente de autobiografia puramente ficcional, mas não nos textos de B. Lopes em que a imaginação inventiva pouco se afasta (deliberadamente) das realidades documentadas pelos textos. A linguagem na primeira pessoa verbal cumpre então aqui o papel de testemunhos vivenciados em histórias de toponímia muitas vezes identificável, recriadas pelo investimento formal que refracta e transfigura os factos da experiência pessoal, ou conhecidos, indirecta ou directamente apreendidos. E assim também na narrativa de M. Lopes que sobretudo procura representar, segundo modelos afins do realismo europeu da década de 1940, o universo rural de agricultores em crise, movidos pelo dilema entre o enraizamento à terra e o abandono dela por causa das secas periódicas que os reduzem à miséria e à morte. Como anota o próprio autor (M. Lopes), são textos sempre empenhados na representação compreensiva da realidade sociocultural e geopolítica do cabo-verdiano, orientação em que se integra também, mas de maneira muito particular, a obra de António Aurélio Gonçalves, autor do conto que se apresenta em versão integral.

Mais marcados pelo posicionamento ideológico são os contos das gerações posteriores, por exemplo, de Teixeira de Sousa, autor próximo do ideário da revista *Certeza*, e de Gabriel Mariano, pertencente ao grupo do «Suplemento Cultural». Também neles as ocorrências de ficção autobiográfica se cumprem no sentido do documentalismo testemunhal, em narrativas que por norma registam já algumas posições estéticas de demarcação ideológica. Dedicados ao universo da ilha do Fogo, os contos de T. de Sousa (*Contra Mar e Vento*, s.d.) incidem sobretudo na decadência da burguesia tradicional que se vê substituída pela ascensão do grupo dos antigos serviçais em regresso de uma emigração bem sucedida na América. Representam assim as mudanças sociais da vida crioula como que indiferentes à situação colonial, e a despeito dela, no sentido do desprezo que se manifesta pelo «outro» ao ignorar a sua presença. Nos contos de G. Mariano (*Vida e Morte de João Cabafume*, 1989), que procedem também ao rastreio da vida crioula sob o regime tutelado, são já muito violentos os caminhos

da crítica à situação colonial vista na década de 1950. No conto que dá o título ao livro, viver em boa ordem na cidade, conforme os ditames do sistema colonial, significa a obediência ao «destino», uma forma de vida medíocre que merece repúdio à vista da apologia das atitudes rebeldes da personagem que se marginaliza por insubmissão ao poder Administrativo. O recurso ao conto oral é, neste autor, outro modo muito hábil de tecer a crítica ao sistema a respeito do tema da morte generalizada das populações pela fome, situação tão absurda que só pode encontrar argumentos explicativos na verdade das palavras de um louco.

Nesta dominante realista se integra também o sector literário que se pode designar por escrita de diáspora, praticada ocasionalmente por vários autores residentes fora de Cabo Verde, cultivada por norma por Orlanda Amarilís (*Cais de Sodré té Salamanca*, além de outros títulos). Anote-se que alguns autores, como os citados M. Lopes, T. de Sousa, G. Mariano e ainda Luís Romano, embora vivendo a maior parte da vida fora de Cabo Verde, muito raramente situam as suas histórias fora do universo das ilhas. Este é um traço singular de valor simbólico, maneira indirecta de recentramento e retorno, de impulso de resgate da terra e da memória por compensação da ausência. Num caso como no outro, a distância criada pela situação de emigrante permite que o olhar autorial seja envolvente do todo do mundo crioulo, ordenando-o na cadeia lógica de relações temáticas que evocam a seca e a falta de meios de vida (e logo a emigração), a viva recusa da dominação colonial, as mudanças sociais, o amor à terra nos espaços urbano e agrícola e o debate, dilemático ou contraditório, da necessidade de partida emigrante. E, sobre tudo isto, a já aludida atracção da ilha com as conotações simbólicas de espaço acolhedor, materno, protector, mas também do isolamento e da insularidade que geram o estado de nostalgia e o sentimento da falta do «outro». Daí poder-se ver nas temáticas evasionistas a expressão poética de genuíno sentimento existencial, lugar e o meio do diálogo ontológico de onde o homem extrai as condições da afirmação de si para «outrem».

Ora, é neste sentido que se deve entender a escrita da diáspora praticada por O. Amarilís e por outros autores, como veremos. Nas motivações das suas temáticas entram também os ingredientes da etnicidade, da forma diferente do ser crioulo, do apelo da origem, mas sem a força impositiva do recentramento total, de regresso literário ao espaço das ilhas. Como que confirmando os factos empíricos da vida, as narrativas ilustram a identificação própria do cabo-verdiano, complexa e fiel às origens mas adaptável a todos os espaços por flexibilização cultural. Com as suas temáticas muitas

vezes protagonizadas no feminino, e não raro desencadeadas no meio urbano da terra cabo-verdiana, os contos expandem-se para os lugares exteriores de emigração, sincretizando-se no ser «em si» original e em o outro «de si mesmo» sem quaisquer conflitos de adaptação.

Mas ao expandirem-se os conteúdos dos textos, como se acaba de anotar, por coordenadas de espaço que transcendem o limite físico das ilhas crioulas, mesmo que por simples deambulação para as vastas zonas do imaginária, são também as temáticas que forçam muitas vezes as fronteiras do realismo para incrustarem nele o mundo de todas as vivências subjectivas. Um testemunho disso é o significativo alargamento, tanto em quantidade como em variedade, da narrativa-conto desde sensivelmente a década de 1980, quer de autores de estreia recente quer dos consagrados por uma produção anterior.

Considerando, como acima referimos, o carácter funcional (e económico) da publicação em revistas, é logo em *Raízes* (1977, Dir. de Arnaldo França) que ressurgem os bem conhecidos T. de Sousa, João Rodrigues, Teobaldo Virgílio, Virgílio Pires, Osvaldo Osório e Jorge Tolentino, um novo autor que também colabora em *ponto & vírgula* (1983, Dir. de Germano Almeida, Leão Lopes, Rui Figueiredo) assim como o consagrado Arménio Vieira e alguns dos mais novos como Nicolau de Tope Vermelho e, em particular, Romualdo Cruz, decerto pseudónimo do profícuo romancista Germano Almeida. O suplemento literário «Voz di Letra» (1986, Coord. de Osvaldo Osório e Ondina Ferreira) do jornal *Voz di Povo* assinala a revelação de Fernando Monteiro, devendo-se no entanto a *Fragmentos* (1987, Dir. de José Luís Hopffer Almada) e a *Pré-Textos* (1992, Dir. de Daniel Spínola) o maior surto de escrita de novos autores, com a colaboração de Fernando Monteiro, Euclides Rodrigues, José Vicente Lopes, Bernardo de Carvalho, J. Baptista G. Velhinho Rodrigues, Canabrava, Jorge Carlos Spínola, António Santos Nascimento, Pinga, Rosa de Sanron, Maria José Peixoto, Hugo D. F. Fernandes, Jorge Soares Silva, além da presença do consagrado G. T. Didial.

Com esta enumeração por extenso pretendemos que, por força da visibilidade dos nomes, vários deles pseudónimos, se torne sensível o incremento da dinâmica criativa, mais viva como é de norma na poesia do que na narrativa. Segundo critérios de qualidade, é clara a falta de maturidade de alguma desta escrita em caso de experiência mais incipiente, ou a mediana qualidade da produzida por autores já com obra publicada. Estes factos e o declarado jogo com o uso de pseudónimos são, em absoluto, a expressão directa do enleio apressado pela ocupação do protagonismo no



campo cultural-literário que, como se referiu, sempre beneficiou de grande prestígio no plano social.

Talvez por isso, sem ser grande o índice populacional, a despeito de vários obstáculos à comunicação inter-ilhas e das difíceis possibilidades de edição e de aquisição de livros, por razões económicas, nem assim é pouco expressiva (proporcionalmente) a produção editorial. De acordo com as dominantes de orientação por temas e formas, merecem especial referência, por exemplo, a escrita modelada pela escuta das vozes do conto tradicional (João Lopes-Filho, *Estória, Estória*, 1978), o conto de motivação natalícia em língua crioula (T. V. da Silva, *Natal y Kontus*, 1988), a narrativa ufanista da beleza da terra (João Rodrigues, *O Jardim dos Rubros Cardeais*, 1986), a escrita poética da memória das ilhas (Maria Margarida Mascarenhas, *...Levantado da Ilha*, 1988), a narrativa primorosa de fragmentos da realidade urbana (Ivone Aida Fernandes Ramos, *Vidas Vividas*, 1990; Euclides de Menezes, *Toti Cadabra*, 1990), os flagrantos do quotidiano problemático (Dina Salústio, *Mornas Eram as Noites*, 1994), a evocação lírica e nostálgica da memória infantil (Fátima Bettencourt, *Semear em Pó*, 1994).

A par deste paradigma estético muito geral, onde distintos procedimentos estilísticos convergem no sentido da escrita transparente, mediadora de histórias de conteúdo referencial pleno, por vezes autobiográfico, outros se podem delimitar, como foi já indicado, em obediência a uma criatividade sob vários aspectos problematizante da função representativa. Um exemplo em estilo ainda pouco elaborado consiste na narrativa indicial, de propensão analítica, que se move na área da questionação da subjectividade perturbada, e por vezes na fronteira ilógica do absurdo, do irracional entre o sonho e o pesadelo (Euclides Rodrigues, *Lágrimas de Bronze*, 1990; Alberto Gomes/Binga, «A Trilha», in *Aulil*, 1987). Um outro exemplo inovador é o que afronta a ordem do burlesco ligado ao absurdo, regida pela «lógica» do quase demoníaco, numa zona que atinge o insólito do desdobramento ontológico por destruturação e confusão entre os principais patamares de significação da narrativa (Fernando Monteiro, *Desassossego*, 1994).

Dois casos de escrita de orientação especialmente bem demarcada, de autores consagrados em poesia e no romance, devem-se a Arménio Vieira e a G. T. Didial (João Vário e Timóteo Tio Tiofe, em poesia, todos pseudónimos de João Manuel Varela). A estética da ruptura que ambos cultivam incide antes de mais sobre a categoria de espaço, por estilhaçamento dos limites da realidade empírica, no primeiro caso, e por expansão de abertura universalizante, no segundo. Por expansão totalizadora dos contornos do

mundo de referência, num quadro de escrita de grande riqueza lexical e retórica, e que claramente assume funções manipuladoras do sentido, é a lógica expandida do sobreal que se torna predominante. Ora jogando com a confusão entre percepções da realidade comum e vivências oníricas, ora com o esmagamento da diacronia numa cena fantasiada de presenças anacrónicas, esta escrita comporta-se como prática dialógica de espaçamento semânticos, fazendo conviver a ironia, a conotação, os simbolismos e as transposições alegóricas (Arménio Vieira, «Descrição de um Pesadelo», in *Raízes*, 1977; *O Eleito do Sol*, 1989). Numa escrita também extremamente densa e meditada no estilo e na exactidão conceptual, a narrativa de G. T. Didial é um campo alargado onde pulsa uma filosofia feita de sagesa e de cosmopolitismo, de protagonização crioula, muito frequentemente numa forma autobiográfica que inspira na vida do autor. Da sucessão dos espaços e dos lugares, dos encontros e das situações resulta um efeito de encadeamentos metonímicos que põem em cena a vivência cosmopolita de amplitude universalizante. No limite da busca, umas vezes os seus sentidos elevam-se até ao simbolismo de ressonâncias bíblicas, outras vezes recentram-se na ordem sensorial dos afectos ou da fruição erótica ou estética.

Tomadas em conjunto, as dominantes poéticas destes dois autores como que se relacionam por injunção, dando uma forma e um sentido de plausibilidade ao carácter crioulo que não se pode confinar aos limites do quotidiano encenado pela estética realista. A vida muito estreita da realidade empírica e a largueza da fantasia onírica definem oposições paradigmáticas onde trabalham os eixos isotópicos de fundamentação espacial (A. Vieira), relacionando as ilhas com o mundo, e de ancoragem temporal, re-ligando Cabo Verde ao passado mítico da Macaronésia (G. T. Didial, *Contos da Macaronésia*, 1992).

## 5. UM CASO EXEMPLAR

Sendo embora um autor da geração dos fundadores da revista *Claridade*, António Aurélio Gonçalves (Mindelo, S. Vicente, 1901-1984) ocupa um espaço literário particular, em parte justificado pela sua formação universitária em Ciências Histórico-Filosóficas e pela experiência de uma demorada estadia em Portugal. Com cerca de vinte anos de boémia lisboeta (1917-1939), grande conhecedor das correntes dominantes das literaturas europeias e dos movimentos «presencista» e «neo-realista» que se desen-

volveram em Portugal, os caminhos da sua escrita nunca se identificam com as orientações realistas dos sucessivos grupos seus conterrâneos.

De entre as principais características que distinguem a sua obra, exclusivamente em prosa, ressaltam antes de mais os movimentos de uma relação dialéctica centrada na personagem, a análise que visa a definição do seu perfil individual e a caracterização do espaço urbano em que ela se integra. Daí que sejam a cidade de Mindelo (Ilha de S. Vicente) e a personagem feminina os elementos dominantes na grande maioria das suas narrativas curtas, relacionados num todo de íntimas conexões, de factos objectivos que só se explicam por compreensão da subjectividade pessoal a que se ligam. Narrar os casos da vida é percorrer os seus meandros, recompondo-lhes os nexos em forma de historia entendida como problema humano, mas numa diligência distinta da «clínica naturalista» e da «análise psicológica», por necessidade de interligar os comportamentos socializados e o mundo das respectivas subjectividades. Não raro a predominância do estilo consiste na indagação subtil do pormenor, do indício, do traço de carácter, do sintoma, na oscilação entre o facto e o motivo implícito unidos por uma cadeia de nexos por vezes é deixada em aberto, ficando entregue à argúcia do destinatário elucidar o sentido final da história.

A novela «No enterro de nhâ Candinha Sena» (in *Noite de Vento*, Lisboa, Caminho, 1998) constitui um exemplo satisfatório da estética do autor, assim caracterizada, sem deixar de equacionar alguns dos vectores semânticos mais expressivos do mundo humano crioulo, tal como antes foram definidos. Os grandes eixos da composição, num discurso de forma autobiográfica, partem do jogo entre o tempo e o espaço para a encenação de duas vidas que se encontram, se condicionam, se separam durante o período de emigração e se reencontram num fim que é, também, um recomeço.

No plano figurativo da acção, a história obedece ao ritual de um óbito e do respectivo funeral que se processa segundo os preceitos do catolicismo. Entre as várias temáticas que aí se entrecruzam destacam-se, no plano diégetico, a figuração espacial do trajecto demarcada obsessivamente pelo (tempo de) sol castigador, a dimensão social e simbólica do óbito e a complexa relação entre o protagonista e a velha senhora levada a enterrar. Em vez de partir do relato dos factos para o seu comentário interpretativo, o texto põe em movimento o jogo entre a narração/reportagem e a suspensão para encaixes de retorno ao passado. E o que deles emerge são séries de dados sobre as relações antigas, pessoais, entre o protagonista quando menino, órfão de mãe, e nhâ Candinha que maternalmente o protegia, sobre a história da deambulação inter-ilhas, o matrimónio por conveniência económica

ca, a emigração do protagonista e o retorno do grande mundo à pequenez acolhedora da ilha.

Além do que significa em si mesmo, o funeral é também o contexto de representação da cidade apreendida na totalidade volumétrica das suas significações. Por um lado, ela é constituída por um quotidiano de tipo europeu, com balizas que especificam as diferenças crioulas, tais como o formalismo do óbito, o cómico de situações e de falas e a necessidade do parecer social. Mas, por outro lado, ela representa também o espaço humano que tem por lastro o passado oculto das vidas apenas visíveis, aqui significado pela história embrechada na diegese. O enterro como fim de uma vida funciona, manifestamente, como motivo para recuperar o passado desde os seus inícios, sendo também evidente que, em vez de esclarecedoras, as memórias narrativas e as recordações líricas mais adensam do que iluminam a ambígua relação entre a personagem/narrador e a defunta.

E é nesta relação entre a descrição do funeral, no tempo presente, e a evocação da vida antiga, assim motivada, que se enlaça o tipo de realismo cultivado por A. A. Gonçalves. O enterro da velha senhora e a relação ambígua que a personagem/narrador (não) mantém com ela entram na ordem do real, ao mesmo tempo que compõem o significante de uma subjectividade ainda não pacificada. Se, por um lado, a evocação fornece informações à memória narrativa, por outro lado, ela fica prisioneira recordação lírica, da lembrança emocional do acolhimento que nhâ Candinha concedia à personagem-menino, confundindo voluntariamente a ternura maternal e o ensino do desejo erótico de sedução amorosa. Sempre lembrada no período de emigração, esta mãe substituta é a figura aprisionante, duplamente simbólica, de ilha e de mulher a que se permanece fiel e que polariza tanto o entusiasmo do regresso como a decepção de a encontrar já velha.

A narração do seu enterro, a evocação dos factos do passado e a descrição dos afectos que os ligou constituem então, em conjunto, o discurso da catarse verbalizante onde o dizer a fidelidade ao fantasma infantil é a maneira de libertar o homem para o início de uma nova relação amorosa, para se ligar a outra mulher, à jovem Celina, e com ela reiniciar uma vida nova na ilha.

## 6. O TEXTO:

### O ENTERRO DE NHÂ CANDINHA SENÁ

«Foi ontem, à noite, que eu soube da morte de nhâ Candinha Sena. Encontrei-me na praça com o Hipólito Almeida e demos algumas voltas. Logo aos primeiros passos, ele parou e perguntou-me de repente:

—Você sabe que morreu nhâ Candinha Sena?

Eu também estacara no meio da praça e respondi sem grande surpresa, como se estivesse preparado para receber aquela notícia:

—Nhâ Candinha Sena? Coitada! Não, não sabia.

—Morreu aí por volta das 3 horas da tarde —confirmou o Hipólito—. Em casa do Abel Ferreira.

Ficámos calados por um momento; depois, eu disse:

—Coitada de nhâ Candinha! Ainda não me tinham dito nada. Pobre senhora! Ela estava já muito velha.

Então, o Hipólito desabafou:

—Ah, sim! Muito velha. E, depois, muito acabada, sempre doente... Já, já era tempo de ela ir descansar.

Não dissemos mais nada sobre esta morte e recomeçámos a passear. Mas eu fiquei um bocado a lembrar-me de nhâ Candinha Sena, dos tempos em que eu era um pirralhinho de oito para nove anos.

O enterro de nhâ Candinha foi marcado para as 10 horas da manhã. Também, que diabo de ideia! O Abel Ferreira, lá a gente dela, não podia ter combinado esta coisa para uma hora mais apropriada? Aquele Abel! Aquele Abel!... Quem é que se lembra de marcar um enterro a uma hora como esta? Ir parar lá para a Chã do Cemitério, com um sol destes a cair. Hora de calor... Quase toda a gente no trabalho... Do meu lado, eu tinha que ir, às 11 horas, ver aquelas latas de tinta no Monte. Assim não é possível. Tenho que ser apressado, se as quiser tirar por um preço conveniente. Negocinho como este quer ser despachado depressa; se a gente o deixa para amanhã, é negócio perdido. Faz-me transtorno, palavra! Estou a ver que o cortejo não terá quase ninguém. Paciência! Que não apareçam; mas eu é que não posso faltar.

A casa do Abel Ferreira fica no Alto de Celarine. Aí pelas proximidades da Fonte de Cónego —já acalorado, com o casaco aberto, para deixar a brisa que desce do Monte Verde secar-me a camisa alagada—, encontrei-me com o Norberto Santos. Também velho conhecimento de nhâ Candinha. Abordámo-nos; ele quis saber se ia ao enterro. Disse-lhe que sim.

—Bem. Então, vamos juntos. Eu, também, vou.

Aliás, faltava-nos um nadinha para chegar. De caminho, fomos pales-trando. Imediatamente, o Norberto estranhou a hora fixada.

—E digo-te com toda a franqueza: é que sou uma pessoa como sou, que não gosta de faltar. Senão, eu não teria vindo. Tive de largar um serviço. Não, o Abel escolheu uma hora muito imprópria.

—Pobre nhâ Candinha! Lá se foi. Tenho a impressão de que, se não fosse a doença dos seus últimos anos, a sua vida inteira teria sido uma vida feliz. E aquele segundo casamento também...

—Tens razão. Casamento que ela não devia ter feito. Que felicidade podia ela esperar do Xalino? Com a sua vida no estrangeiro, sempre longe... E, principalmente, a família! Que gente! Perderam tudo, andam por aí. Mas não se emendaram. Falam pelos cotovelos, a sua maior preocupação é dar nas vistas, sempre com as mesmas leviandades... Há uma que parece escapar: é a mana. Mas, vê lá, foi esta, justamente, que estragou o casamento de nhâ Candinha. Lembras-te? O Abel é que é o herdeiro.

—Sim, mas vamos a ver se o Abel saberá aproveitar a herança. Aquele é outro desorientado.

Tínhamos chegado ao altinho onde está a casa do Abel. As persianas estavam fechadas, mas a porta de entrada tinha os dois batentes escancarados. Gente de luto entrava e saía. De pé, ladeando a porta, um magote de garotos e de mulheres do povo pasmavam para os visitantes e espreitavam para dentro. De quando em quando, erguia-se choro; mas, ainda assim, reinava um silêncio relativo, que contrastava com a guisa habitual nas casas desta terra onde se chora um defunto.

O Norberto entrou. Eu deixei-me ficar fora, com um olhar distraído para o cenário de terra cinzenta e estéril, para o casario térreo do Alto, que trepava sem um plano pelo entalhe practicado na encosta, que se esboroava em cascalheira debaixo do sol. Uma cinta de penhascos e montes descia, numa ondulação infundável de corcovas vermelhas, desde o Monte Verde até lá para os lados de São Pedro. Ao fundo, apanhava-se um trecho da baía, num repouso de mandriona aos pés do Monte da Cara. E, sem que eu desse por isso, esqueci-me a lembrar os primeiros princípios do meu conhecimento com nhâ Candinha.

Há tanto tempo... Nhâ Candinha era uma mulata muito escura, quase preta pode dizer-se, de cabelos não muito crespos, sempre escondidos, porque, embora não fosse mulher do povo, usou sempre lenço. Tinha estatura regular. No entanto, como era nutrida e forte, parecia baixa.

Não me lembro bem do rosto; com o tempo, apagou-se-me da memória o desenho exacto das suas feições por aquela época, mas de três coisas nunca me esqueci. Dos olhos - pretos, sorridentes e dos mais meigos, por certo, que tenho conhecido em minha vida. Ficou-me, também, a lembrança dos seus braços. Envolviam-me e sobre eles eu nunca me cansava de rolar —no

meio de risos— a minha cabeça; conservo ainda a impressão da sua pele fina, morna... Além disso, basta-me pensar nela para escutar novamente o tom da sua voz. Recordo-me que, por vezes, estremecia ao ouvi-la. Erguia, então, o rosto e punha-me a olhar em silêncio para ela, como numa surpresa encantada. Era uma voz, como às vezes se encontra —mas poucas—, em que nos parece distinguir um timbre mais profundo, velado e quente, vibrando acompanhado de outras notas mais altas. Nhã Candinha tinha uma voz que era uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança.

Quando a doença se lhe agravou —já nas últimas— passou definitivamente para casa do Abel Ferreira, seu sobrinho, e lá morreu. Mas, até à velhice, morou sempre numa casinha a poucos passos da nossa. Era andar um bocadinho, subir uma rampazinha e, ao fundo, do lado esquerdo, encontrava-se a sua moradia, apenas com a porta de entrada e uma janela. A porta dava para uma pequena varanda envidraçada, guarnecida de trepadeiras, caixotes com túlipas, que estabelecia comunicação com uma salinha de visitas, desembocava num quintalejo onde o sol era certo como certas visitas íntimas, de todos os dias, que, onde chegam, instalam-se, tagarelam, faís-cam e nunca dão sinal de quererem retirar-se. Lá havia cadeiras de verga, uma cadeira de balouço e era descansando nesta ou assomada à janela que eu encontrava nhã Candinha, à tarde, quando tinha licença para sair a cabriolar com o Nhano, com o Pitcha, com o Djindja de nhã Maria Arcângela... com a mariolagem da minha rua.

A distância, perdido do meio dos outros, espreitava o aparecimento da minha amiga. Fui sempre uma criança retraída; bastava a curta separação de um dia para me despertar a timidez. Chegado à sua porta, a minha vontade seria entrar por ali dentro numa lufada e lançar-me todo em festa nos seus braços. Era assim que eu via fazer a alguns dos meus camaradas com pessoas da sua amizade. O seu desembaraço era o orgulho das famílias e fazia o encanto de estranhos. Em todas as conversas, comigo presente, era certo gabarem-nos; achavam-lhes uma graça inesgotável, apontavam-nos como modelos. No íntimo, eu admirava-os como a privilegiados e desejava ser como eles; mas um travão interior abatia inevitavelmente os meus impulsos. Por isso, ia deixando passar o tempo e fingia que tomava parte nas traquinices. A verdade é que não fazia senão esperá-la. Ela via-me —os nossos olhos cruzavam-se—, e chamava-me. Outras vezes demorava-se. Eu, então, a pouco e pouco, subtilmente... aproximava-me da casa de nhã Candinha. Deslizava ao longo da parede e surgia à porta a sorrir-me acanhadamente.

Nessas ocasiões, encontrava-a na varandinha envidraçada, repousando na sua cadeira de balouço. Na quietude vespéral do quatinho, somente se

distinguia o ranger do soalho e o tiquetaque das suas botinas pousando no chão e impelindo docemente a cadeira. A cabeça caída numa almofada, passava num cismar... e, de cada vez, uma réstia de sol, já sem força, pousava, aureolava-lhe o rosto e depois fugia.

Ela sorria-me e, com mão, acenava para que me chegasse. Um instante depois, afofava-me no ninho dos seus braços e segredava-me na sua voz de rola ao primeiro arroxear da alva:

—Vem aqui, homem. Dias há não te vi. Porquê? Já não me queres? Ah!... Já não és aquele meu amiguinho? Assim é que tu és? Também, comigo é que estás. Já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito. Por que é que não vieste ontem? Estive à tua espera... tu não apareceste. Não sabes o que perdeste. Guardei-te uma coisa sabe. Mas deixaste-me sem a tua visita... comi-a. Vês que não é bom ser ingrato?

Eu não lhe dava resposta. Calava-me —o rosto entreaberto num sorriso— e inclinava a cabeça sobre o seu ombro, a sentir-me tão bem como não saberia dizer. Nhâ Candinha conservava-me preso e o seu murmúrio prosequia:

—Não é verdade, ouviste? Tu não és ainda feio, nem ingrato. Feio, ingrato, o meu Cristiano? É mentira. Mas diz: queres-me cheio? Sim? Diz outra vez que sim. Então, vais ver aquela coisa sabe.

Levantava-se e, à volta, trazia escondido na mão um pequeno frasco. Assentava-se, enlaçava-me, pousava-me os dedos frescos sobre as pálpebras e dizia-me:

—Fecha os olhos e abre a boca.

Eu obedecia; daí a nadinha, um bombom, uma pastilha de hortelã-pimenta começava a desfazer-se-me sobre a língua. Eu soltava uma gargalhada de prazer. Nhâ Candinha balbuciava, a boca muito ao pé do meu ouvido:

—E tu, agora, que é que me dás? —Voltava-me para ela; nhâ Candinha abraçava-me com ternura mais funda.

Isto são coisas de há tanto tempo, tanto tempo... A lembrança de nhâ Candinha, então, tem um encanto que me trespassa. É a mesma coisa que se me levassem para uma atmosfera condensada outrora e que já não é deste mundo em que vivo.

Ouviu-se um tilintar de campainha e, daí a nada chegou o padre de sobrepeliz branca, barrete e o livro das orações entre os dedos. À frente —ambos de opa vermelha— caminhava um rapazola trazendo a cruz alçada e, ao lado, o menino de coro, transportando a caldeirinha de água benta e o his-



sope, sacudia compassadamente a campainha que retinia e se repetia com o timbre de uma voz de criança, soltando na estagnação do ar o seu pregão argentino e monótono.

Vários cavalheiros de preto, vindos do interior, foram postar-se a meia-rampa, à espera que saísse o caixão. Aproximei-me e, no mesmo instante, surgiu a uma esquina o Carlinhos do Alto de Miramar, grisalho, a idade a pesar-lhe nas costas abauladas, com a fisionomia séria, o rosto avançado um pouco, o olhar parado e atento de quem observa continuamente. Vestia de branco e trazia um chapéu-de-sol na mão.

—O infalível Carlinhos —disse o Aníbal Duarte com a sua voz sonora—. Nunca vi aquele homem faltar a um enterro.

O Norberto lembrou, sorrindo-se com orgulho:

—Eu, também, nunca falto. Só se não puder.

—Mas é que o Carlinhos —contestou o Aníbal— (é uma coisa extraordinária) nunca deixou escapar um enterro. Ninguém se lembra... Larga tudo para acompanhar um morto ao cemitério.

O Mário Dias interveio e completou:

—Não há dúvida. Ele é trabalhador... Isso é certo. A alma da Sociedade é ele. Mas não lhe falem num funeral quando o virem com qualquer ocupação. Aquilo é sagrado: primeiro, o funeral. Disse-me o mano empregado na Sociedade, que ele traz sempre na algibeira um gravata preta para o que der e vier.

—Cada um com a sua mania —filosofou o Aníbal—. Assim é que são as coisas deste mundo: eu, então, sou exactamente o contrário. É uma raridade ir a uma casa de defunto. Custa-me. Tenho o que se chama uma aversão por todas estas coisas de morte. Estas cerimónias: visitas de pêsames, choro, este ambiente... Ah, eu não quero ter nada com a morte.

O Mário Dias, com a sua costumada garotice, bateu com as mãos uma contra a outra, sacudiu-as no ar, no gesto de quem afasta, como Pilatos, responsabilidades e relações indesejáveis e galhofou:

—Não és só tu. Eu, também, não quero saber de nada com ela.

Todos acharam a saída com piada e ninguém do grupo se conservou sério. Alguns riram-se alto, outros retiveram a gargalhada num frouxo comprimido. O próprio Aníbal Duarte acompanhou o riso e, por fim, explicou:

—Vá lá, a frase escapou-me sem que eu desse por isso. Está claro que nenhum de nós tem motivos (pelo menos que eu saiba...) para querer saber de alguma coisa com a morte, felizmente. É isto que eu queria dizer e mais qualquer coisa. Ao contrário do Carlinhos do Alto de Miramar, eu

queria dizer que a mim, então, me repugnam todas estas cerimónia, enterros, visitas de pêsames... toda a trapalhada que, habitualmente, acompanha a morte. Dia de enterro ou de pêsames é dia que passo nervoso, mal impressionado. Porquê? Não sei. Irrita-me. Acho odioso este ambiente. Também, evito-o o mais que posso. A não ser que seja o caso de uma pessoa muito amiga. Quanto ao resto, tudo o que seja tratar de coisas dos mortos... deixo ao cuidado da minha mulher. Lá nisso, ela entende-se melhor do que eu. Hoje estou cá porque não podia deixar de vir: nhâ Candinha era conhecimento muito antigo de minha gente, o Abel...

Um choro alto, uma vozeria brusca e aflita levantou-se interrompendo-o e, quase sem intervalo, o cortejo fúnebre apareceu à porta. À frente de todos apontou o caixão, suspenso por quatro amigos que transpunham a soleira cautelosamente, procurando com o pé incerto no ar o primeiro degrau da saída. Atrás, um grupo de criadas, de mulheres do povo chorava, agitando lenços.

—Adeus, nhâ Candinha! Ó, nhâ Candinha, nunca mais porei a sua cadeira à porta para ela se assentar! Nhâ Candinha, ó, nhâ Candinha!

As janelas abriram-se e senhoras apareceram, agitando lenços também, com os olhos vermelhos e lágrimas correndo.

Começámos a descida numa fila negra. Dados os primeiros passos, ouvimos um soluçar alto como um clamor, vibrante, saído do fundo da alma, e comovente como uma dor inconsolável de criança. Começou com um soluçar contido, que rebentava em pequenas explosões irreprimíveis, mas logo seguidas por outras que se precipitavam tumultuosamente e, depois, se arrastou numa queixa longa, funda e delirante que me fez estremecer e pôs na atmosfera banal daquela manhã mindelense de calor a fremeção de uma grande dor. Voltei-me para ver quem dirigia a nhâ Candinha adeus tão sentido e distingui um vulto de mulher voltando-se e afastando-se da janela, no qual eu reconheci a mana, a cunhada que tanto amargurou alguns dos ans de nhâ Candinha.

—Agora? Para que é tudo isto? Hipócrita! —resmungou ao meu lado o Norberto.

Seguíamos, agora, pela Fonte do Doutor. Adiante, o padre avançava a grandes passadas; a campainha do sacristãozinho tilintava com o seu timbre de súplica infantil e, atrás, os homens da carroça puxavam pelo varão, esforçando-se por acompanhá-los. O rancho das serviçais seguia-lhes na pegada. O nosso grupo marchava separado.

A caixeira de um botequim, mulata, gorda, com as ancas muito largas, estacara à porta e via passar o enterro com os seus olhos grandes e magoa-

dos, murmurando o quer que fosse, certamente palavras de desgosto. Então, o Norberto pôs-se a lembrar:

—Ah, Maria Júlia! Ah, o teu tempo. Estou a ver-te... Foi um dos corpinhos mais bem feitos de São Vicente. E aquele quartinho? Só aquela limpeza, aquela cama sempre tão bem esticadinha... Tudo passa. Ah, mundo!

O Mário Dias enviou-lhe um olhar trocista.

—Norberto, estou a achar-te a chorar muito... É para a gente desconfiar que não eras lá mal recebido?

Eu intervim:

—Norberto? Norberto não é fogo de palha. Vocês não sabem o que quero dizer. Em tempos ouvi esta frase a uma pessoa... —O Norberto, avançando com o lombo já a abaular-se, teve um riso que lhe rolou na garganta como um gogo.

Não se podia com o calor, um calor de manhã de trovoada. Uma nuvem larga e negra pairava baixo, cobrira o Sol, filtrava-lhe o fogo e parecia derramar vapor ardente sobre as nossas cabeças. O Norberto desabotoara o casaco preto de fazenda grossa e, depois de ter contemplado a camisa molhada pelo suor de um e de outro lado do peito, sacudiu-lhe as abas à maneira de duas grandes ventarolas.

—Moço, ó que calor!

—Insuportável! —concordou o Aníbal.

—Também, algum de vocês —perguntou o Mário— seria capaz de me explicar por que motivo o Abel se lembrou de marcar o enterro desta pobre senhora para uma hora tão imprópria? Olhem que há cada maduro! Sem contar que muita gente não pode aparecer. Sou capaz de apostar que ele quis que este enterro fosse o que se está vendo: ua meia dúzia de gatos.

Alguém mostrou curiosidade de saber quais eram os que chegariam ao cemitério.

—Não sei —disse o Aníbal— nem me interessa. Eu vou só até à igreja e penso que basta. O dever fica cumprido. É que não se pode com uma soalheira destas. E o pior ainda não é isto. Apanha-se, agora, este sol; à tarde, com o tempo irregular que tem feito estes últimos dias, começa a cair aquela humidade. O meu sítio, então, é terrível. Nestas alturas, meto-me, geralmente, na cama logo depois do jantar, agasalho o peito com algodão iodado, calafeto as janelas. Mas não há meio de evitar estas malditas constipações. E, depois, comigo, é aquela constante preocupação de que uma gripe é porta aberta para qualquer coisa de cuidado.

Estávamos perto da pracinha e da igreja. O Norberto pôs-se a calcular a idade de nhã Candinha.

—Ela devia ter... espera lá: ela casou-se no ano em que morreu o João Rosinha. Há quanto tempo isso foi? Lembras-te Mário?

O Mário, um pouco adiante, torceu a cabeça a mostrar o sorriso que lhe franzia os lábios em bico e não perdeu mais esta ocasião de galhofar:

—Não posso lembrar-me... Não sou desse tempo.

O caixão entrou na igreja e, lá dentro, começaram a entoar o cantochão do ofício dos mortos. Os homens, quase todos, ficaram fora debaixo de uma ou outra bela sombra, ou espalhados pelas esquinas, ocupando o intervalo com um pouco de palestra, abrigados à sombra estreita que, naquele momento, ainda era possível aproveitar. Eu procurei um lugar isolado do outro lado da praça.

Que idade teria nhâ Candinha?... Eu, também, não sei. Apenas me recordo que, naquele tempo, já a mamã tinha morrido. Nhâ Candinha fora a sua grande amiga. Amou-a, quando viva, com dedicação incansável e com o respeito que se tem por uma irmã mais velha ou por quem nos mereceu, de uma vez para sempre, grande admiração. Nunca teve filhos. Por isso, quando a mamã desapareceu, nhâ Candinha melancolicamente transferiu sobre mim a grande amizade que tivera pela morta querida.

Se acontecia encontrá-la com visitas, apresentava-me e dizia muito bem de mim. Gabava-me como um menino muito meigo, muito bom, punha-se a contar os mimos que eu lhe fazia. Falava dos meus estudos: que o meu professor era o Sr. Guilherme Araújo, o qual apresentava tão bons alunos e era quem sabia mais análise em São Vicente, exceptuando o padre Cleofas. Mas o padre Cleofas era homem da sua análise gramatical (o Sr. Guilherme Araújo era forte em análise lógica) e nunca fizera vida de ensinar. Além disso, o padre Cleofas andava muito desgostoso. Mudara-se para o Lameirão e vivia cada vez mais esquecido dos antigos estudos. Pois, nhâ Candinha assegurava que o Sr. Guilherme Araújo estava muito satisfeito comigo e garantia que, se eu não mudasse (porque, sim, às vezes, sem a gente saber nem como nem porquê, as crianças se transformam) para o ano, já faria o meu primeiro exame.

Depois —nunca faltava— lá vinha um episódio da vida da mamã, da amizade das duas... De uma vez em que a mamã a tinha mandado chamar à pressa, porque eu adoecera de repente, e fora encontrá-la numa apoquentação... De outra, em que ambas esperaram longamente, pela noite fora, os maridos que, por motivo que já não me lembra, não regressavam... De quando correram a sua casa, porque a mamã tinha piorado e estava a morrer... Os olhos enevoavam-se-lhe de lágrimas e terminava sempre com estas palavras:

—Nô'Senhor! Oh, Deus, por que é que nos hás-de tirar sempre tão depressa as pessoas que são assim? Vocês vejam: quanto a mim, não se passa um dia em que eu não diga: não, amiga como aquela não devia morrer.

As visitas suspiravam:

—Oh, é deveras, nhâ Candinha. Você tem razão. Pessoas como nhâ Augusta não deviam morrer. Elas deviam ficar connosco todo o tempo da nossa vida, para nos darem mais um bocadinho de satisfação neste mundo. Porque, basta que ninguém, até à hora de sua morte, chegou ao pé de nhâ Augusta que não saísse da sua banda mais contente. Mas que é que vocês querem? O mundo é assim: aquelas é que vão mais depressa.

De uma vez, passei alguns dias sem ver nhâ Candinha. A sua porta andava cerrada; não podia saber se ela estaria na varandinha, nem a via à janela. Uma tarde, por fim, subia eu a rua distraidamente, quando levantei os olhos e dei com ela... Não estava só, como era seu costume: encostava o ombro a um homem, que eu desconhecia, apoiado, também, ao parapeito da janela. Claramente, a idade já lhe amadurecia. Tinha o rosto mulato sobrecomprido, a pele tostada, as feições finas, mas bem vincadas. Trazia um chapéu de fazenda grossa, como esses que eu via usar aos emigrantes que regressavam da América ou da Inglaterra.

Nhâ Candinha recebeu-me com o carinho de sempre. Depois de algumas expansões, disse-me um pouco mais baixo:

—Cumprimenta nhô Xalino —e, voltando-se para o companheiro, esclareceu-o—: Este é um grande amiguinho que eu tenho. Filho de nhâ Augusta (e com a expressão subitamente grave, os olhos semicerrados, um movimento da cabeça), minha maior amiga, mulher de nhô Raimundo. Lembras-te, não é verdade?

Eu sentia os olhos do desconhecido pousados em mim, com um parecer que se me figurou sério e indiferente. Ele respondeu simplesmente:

—Ah, este é o filho da Augusta e do Raimundo? Ah, sim! Como, homem, lembro-me e muito bem. Ah, sim... Está um rapazote.

Afastei-me com uma impressão, que me era desconhecida, de mal-estar; desconfiava que aquele homem, com o seu ar estrangeiro, chegara de longe para me separar da minha amiga. Nhâ Candinha tinha-se casado, em segundas núpcias, por procuração, com o Xalino de nhâ Jêjê, homem do mar que residia habitualmente na América do Norte e viera, naquela ocasião, até São Vicente. Soube mais tarde que ela não foi feliz com este casamento, porque não tinham gênios iguais e, principalmente, por causa das intrigas das irmãs do Xalino. O certo é que o Xalino pouco se demorou,

reembarcou para a América, por lá morreu não se passou muito e —coisa curiosa— raramente, depois, ouvi mencionar o seu nome.

Fui crescendo. Meu pai, com o seu génio irrequieto, era desses de quem se diz que não sabem aquecer um lugar. De repente, requereu que o desligassem da vida de funcionário público para seguir a vida de comércio. Entre a gente nossa amiga, não houve ninguém que não estranhasse tão imprudente resolução. Como é que, já com a sua carreira tão adiantada, nhô Raimundo trocava o seu emprego certo por uma vida que ele não conhecia? Mas ele estava convencidíssimo do êxito dos seus planos; não houve conselho que o demovesse e lá seguiu a sua aventura. Meu pai era um homem condescente por via de regra; mas Deus o defendesse, quando uma idea se lhe insinuava, primeiro devagar e, depois, se lhe encasquetava no cérebro: nem o diabo conseguia arrancar-lha.

A sua nova profissão obrigava-o a deslocar-se de ilha para ilha e sempre o acompanhei em tais mudanças. De quando em quando, porém, permitia-me que visse passar umas férias em São Vicente: nhâ Candinha era das primeiras pessoas que eu saía a procurar com alvoroço. Perdurava a nossa amizade; não esmorecera aquele contentamento fundo que vibrava quando nos víamos. Agora o nosso tema mais gostoso de conversações consistia em lembrar coisas antigas, cenas, já apagadas, frases que eu tivera, meiguices que descobrira... todo um tesouro de amizade que já existia só na memória de nós ambos, imagens ressuscitadas do passado, novamente brilhantes de vida, impregnadas de um perfume, cuja melancolia eu começava a aprender a conhecer.

Neste meio-tempo, meu pai faleceu, deixando-nos sem uma base séria para continuarmos a vida: uns móveis (que já ele herdara), restos de mercadorias de venda difícil ou nada rendosa... e pouco mais. A ele mesmo, aconteceu ouvirmos-lhe frequentemente:

—Não nasci com vocação para rico. Meus filhos, quem veio a este mundo só pra combater contra o destino... —Com a ponta da unha do indicador voltada para fora, roçava o queixo, num gesto de mão descrevendo um arco e desviando-se, por fim, no vago, com o qual pretendia fazer-nos compreender a inutilidade da luta contra esta entidade, desconhecida, mas irresistível. E terminava, sorrindo-se com desalento: —Antes remar contra a maré.

Coitado, trabalhou muito. Faltou-lhe uma orientação segura e firmeza de pulso. Mas, está claro, disso ele não teve culpa.

Eu e minhas irmãs acolhemo-nos a casa de pessoa de família que, também, mal podia com a vida. A necessidade obrigava-me imperiosamente a

descobrir um emprego e, por aquela época, o trabalho não abundava em São Vicente. Chegou a minha vez de deixar a terra de Cabo Verde para ir longe procurar vida.

Dei muita volta por este mundo, muita onda me balouçou no seu movimento, ora alteroso e ameaçador, ora possante, lento e amigo, passei por onde eu nunca esperara pôr o pé. Não fui feliz, palavra. Porquê? Por falta de mexer-me, por falta de meter a cabeça em todos os buracos onde desconfiasse que estaria escondido o remédio para a minha má sorte - não foi, com certeza. Sofri calor de derreter e passei frio de lascar a pele. Esquadrinhei cidades de todas as espécies: enormes e pequenas, feias, bonitas, pacatas ou febris... mas, qual história! Eu era daqueles que dão a volta ao mundo e regressam com as mãos vazias. Saciei-me de ver outros passar-me à frente, ajuntar cabedais, conquistar o seu quinhão de felicidade, mas eu?... Tinha nascido para ser explorado pela cadela da vida. Tenho a quem sair: nisto (como em muitas outras coisas) sou digno filho de meu pai.

Quando a caipora me perseguira de mais, quando a amargura se amontoava em meu peito como a querer sufocar-e e eu perguntava a mim mesmo contra quem me havia de atirar, que teimava em cobrir a minha vida de má-sombra, pensava numa casinha que deixara numa ilha quase ignorada do mundo... pensava em minha terra. Muita vez me lembrei de nhâ Candinha; e bastava a sua lembrança para desfazer negruras e me trazer do fundo dos anos, como um calmante divino, a poesia da minha infância e o frescor das primeiras impressões.

Mas o caixão avançou do fundo da igreja e apareceu à porta no meio do acompanhamento todo de negro. A carreta rodou novamente. A calçada escaldava; o cortejo, resignado, retomou a marcha —cabeças e costas curvadas debaixo da soalheira— atravessando o Largo do Madeiral e descendo pela Rua do Coco fora. Felizmente, alguns automóveis apareceram e a maior parte dos que se resolveram a chegar ao cemitério puderam encafuarse neles, convidados pelos donos amigos. Passou por mim o Filipe Americano a guiar o seu. Não levava mais ninguém, aponte a cabeça à portinhola.

—Ó diabo, tu vais sozinho, Filipe? Somos só três. Cabemos à vontade lá dentro. Podemos entrar?

O Filipe voltou a cabeça, contemplou os lugares vazios com um receio no olhar e interrogou:

—Vocês viram o Josezinho Brito? Ele não está por cá? Foi ele que me pediu para trazer o automóvel... Para ele e para os filhos.

—Não faz mal. Ainda não o vi. Aliás, eu conheço o Josezinho, tanto ou melhor do que tu. Sei que ele é zangado. Mas não tenhas medo: se ele reclamar o carro, saímos.

Junto de mim, avançavam debaixo de um chapéu-de-sol o Carlinhos do Alto de Miramar e o Norberto, a desfiar um longo segredo. Chamei-os. O Norberto ainda quis terminar a sua confidência:

—Pois, olhe, Sr. Carlinhos, se há alguém a quem ele não devia fazer uma cosia destas sou eu. Porque, olhe que aquele homem me deve favores. Não é de pouco. Mas deixá-lo - o Carlinhos tinha um sorriso de distraída benevolência no rosto. O Norberto calou-se e instalámo-nos.

A pouca distância, quase à entrada da Chã do Cemitério, abria-se um corte no casario e a vista escapava-se por uma vastidão de espaço aberto, encontrava uma ponta da Bela-Vista, seguia o vale da Pedra Rolada com manchas de verde pobre que lutavam por amenizar a austeridade cruel da paisagem de linhas nuas, vestidas cor de burel. Ao fundo, o Monte Verde tinha o porte de um bloco magnífico erigido pela mão da natureza para nos dar uma impressão de distância, de altivez, de eternidade. Uma aragem entrou pelas vidraças descidas e atravessou o carro, deliciosa, inesperada, como se, depois de correr por entre camadas de ar quente, tivesse conservado a adorável frescura das altitudes. Então, o Carlinhos recostou-se consoladamente e disse:

—Homens! Eu não soube que morreu a mulher do Tijinha. Senão, teria vindo ao seu enterro. Disseram-me que ele está abatido.

O Norberto contestou evasivamente:

—É natural. Companheira de longos anos... Mas sabe: o Tijinha está naquela idade em que a gente parece que está por tudo. Eu não o acho assim como dizem. Está triste.

Dos nossos lugares abrangíamos agora toda a Chã do Cemitério, comparável a uma placa vermelha, pelada, interrompida no seu curto desenrolar pelas colinas da Ribeira do Julião, de um lado, e do outro, pelo mar azul como uma tina de cobalto contornada pelo areal da praia da Galé. Os maciços de verdura da Ribeira do Julião, distinguíamos-os como através de uma camada de cinza muito fina. A gente do préstito avançava como um bando dizimado de caminheiros fugindo a zonas torturadas por secas mortais. Com a reverberação da atmosfera, a planície e os contornos dos montes palpitavam num ritmo rápido, constante, que deixava a vista fatigada. Junto da cruz, a figura do padre caminhava aos saltinhos, como se fosse pessoa atacada de vertigem.

Constantemente, o automóvel esbarrava contra a cauda do cortejo. Os peões, ora estugavam o passo ora deixavam-se parar extenuados pelo sol. O



carro moderava, então, a marcha, para, depois, se ver novamente obrigado a acelerar. O Filipe voltou para nós uma cara enfasiada.

—É a coisa mais chata que pode haver: acompanhar um enterro a esta hora. Nunca se sabe como é que o carro há-de ir.

De repente, o Norberto gritou:

—Lá está o Josezinho! Josezinho! Ó Josezinho!

—Onde? —quis saber o Filipe.

Efectivamente, numa aberta, via-se o Josezinho. Lá ia ele, metido consigo, atirando os braços e mastigando o eterno cigarro de coto muito pisado e encrostado de nicotina. Não ouviu.

—Deixa-o —disse o Filipe—. Também, já estamos quase ao pé do cemitério.

No mesmo momento, porém, o Josezinho voltou a cabeça por acaso e avistou o automóvel do Filipe com passageiros. Aproximou-se mal ensombrado. Sem cumprimentar, perguntou ao Filipe:

—Você tem aí lugar para mim e para os meus filhos?

À resposta afirmativa, voltou-se e seguiu sem mais palavra.

—O Josezinho não ficou satisfeito por termos aproveitado o automóvel sem a sua licença —comentei para os outros.

O Carlinhos teve o eu sorriso benévolo.

—Sim... ele é sempre o mesmo.

Chegara-se à rotundazinha da porta do cemitério; sem perda de tempo, alguns amigos transportaram o caixão para junto do coval. Ia-me adiantando, mas o Norberto, que fora o último a sair do automóvel, vinha irritado com as maneiras do Josezinho.

—Pois, ó Cristiano, eu não sabia que eras tão bom fisionomista. Efectivamente, viste bem na cara daquele pedaço de idiota. Há-de ser sempre o mesmo. Eu, também, não me importo com as suas coisas. Se ele julga que me ralo, está muito enganado.

Entrámos. O pároco já tinha encomendado o corpo e passou por nós apressadamente, seguido dos meninos de coro de sobrepeliz. De pé, sobre montões de terra dos dois lado do coval escancarado, quatro homens baixaram lentamente o caixão. O choro das mulheres elevou-se de novo. Os coveiros, então, começaram a tapar a cova com pazadas, que ressoavam lá em baixo com um ruído profundo. Nhã Candinha ia ficar debaixo delas para sempre.

Todos nos curvámos a deixar cair sobre a sepultura o punhado de terra sacramental. Nisto, demos com o Manuel Dóia que acabava de chegar esbaforido. Abria os braços e interpelava-nos numa surpresa:

—Ó meninos!... Mas que pena! Eu não soube de nada. Nhâ Candinha morreu ontem. Enterrada hoje a esta hora... tão imprópria! Eu não soube. Quase ninguém sabe.

Como, com a pressa de acabar, ninguém lhe desse atenção, emudeceu. Persignou-se, abaixou-se para apanhar uma pitada de terra que deixou cair sobre o coval já fechado e foi connosco apresentar sentimentos ao Aristides Ferreira que representava a família. O Aristides, um rapaz novo, desportista, bem lançado, recebeu os pêsames com elegância despreendida, com a sua cara juvenil que, mesmo quando séria, parecia sorrir.

Ao portão, os automóveis largavam com grande ruído de motores, soltando a fumaça esbranquiçada dos tubos de escape e levantando com a rotação uma larga poeira de terra vermelha. Os proprietários convidavam amigos, de longe, com acenos e gritos. Viam-se costas forradas de preto dobrando-se, enquanto as cabeças entravam no interior dos carros.

Atrasei-me; todos os carros partiram e já não encontrei lugar. Regressarei a pé. Talvez seja melhor. Nhâ Candinha já nos ficou no silêncio e no abandono do campo santo. Quero dizer-lhe o último adeus demoradamente. Farei a caminhada esfiando o último novelo das minhas recordações, pensando nela demoradamente. Pobre morta, agora, quando é que voltarei a pensar nela? É a nossa condição de mortais, nhâ Candinha, à qual você já se tinha submetido com a indiferença dos que renunciaram a tudo antes que a morte os tomasse: ver a nossa vida tornar-se num ponto que se vai apagando, pouco a pouco, até se esvaír de todo nessa substância cinzenta, pegajosa - o passado.

Como é que voltei a esta terra depois de tantos anos de vida no estrangeiro? É fácil de explicar. De dia para dia, sem que eu desse por isso, a nostalgia foi-me tomando conta do espírito. De repente, a sorte mudou de cara, vieram uns tempinhos mais folgados e entrou-me pela porta dentro um di-nheirinho que uma pessoa já podia sentir nas mãos. De princípio, disse connigo: «Caramba, Cristiano, agora sim, parece que a vida está a querer endireitar-se. Aproveita a maré, moço!» Mas, depois, uma voz —não sei de quem—, segredou-me: «Homem, nem tudo na vida hão-de ser tristezas. Ao largo o coração. Estás longe da tua terra há muitos anos. Não queiras ser escravo a existência inteira. Precisas, também, descansar um pouco. Vai lá ver se a tua ilha está no lugar em que a deixaste.»

Depois de nos habituarmos durante muitos anos àqueles meios, é que se vê como a nossa terra é pequena. Ah! sim: pequenina, deveras. E pobre.

também. Está claro, eu sabia o que tinha deixado. Apesar disso, não se calcula como estranhei esta pequenez, esta pobreza, esta pasmaceira. Não andava em mim: desadaptado, faltava-me o espaço e o ar.

Mas este mal-estar —igual a todos que são provocados pelas limitações de que nos desacostumamos (senhores!... olhem que a nossa engrenagem é difícil de compreender!)— era acompanhado daquela curiosa impressão de confiança, de tranquilidade, que as coisas muito familiares outrora nos vão dando com o tempo. Reconhecemo-las a pouco e pouco. O certo, meus caros, é que, passado o primeiro choque, comecei a sentir um encosto mais fofo, uma espécie de conforto que me envolvia e retinha, como se alguém me segredasse: «Deixa-te estar.»

Apesar disso, não decidira demorar-me. Para não estar a aborrecer-me, de braços cruzados, sem fazer nada, abri uma loja. Não julguem que seja agora por aí uma grande coisa. Muito pelo contrário: é um buraco lá para a Rua da Canecadinha, com prateleiras salpintadas de castanho, cheias de tudo —garrafas de bebidas, latas de conservas de toda a espécie, artigos de mercearia...—, como o balcão negro dos pingos de petróleo, de azeite, caídos na venda, ao passar das vasilhas para as garrafas trazidas pelas criadas e pelas rapariguinhas dos arredores: do Monte, da Salina, da Ponta de Praia, atravancada de sacos de legumes, de bidões de óleo, de cordagens trazidas de bordo e transportando consigo o cheiro a convés e a alto mar. Negoceio com tudo quanto me vem parar às mãos: fornecimentos de atacadistas, mantimentos transportados das outras ilhas por badios de Santiago, negociantes de Santo Antão, de São Nicolau, do Fogo; todos os objectos e toda a trapalhada que os negociantes de bordo, os contrabandistas da Ponta de Praia, com tudo o que a gente e a onda turva e marulhenta da baía me engolfam para dentro do meu estabelecimento.

Eu bem sei... eu bem sei que muitos já têm criticado:

—Bolas! Não valia a pena! Viajar tanto e vir acabar numa tasca da Rua da Canecadinha. Triste destino!

São sempre os meninos de São Vicente com as suas eternas manias de grandeza. Mas, ó moços, calem a boca! É a vida! O mundo é uma bola mas é preciso que se note: rola sem sabermos como. O sítio da minha loja é de muito movimento: vai lá ter como tudo isto acabará. Tenho um palpite de que a tasquinha de São Vicente me deixará mais resultado do que todas as minhas jornadas pelo estrangeiro! Claro: não tenho intenção de acabar os meus dias no Rabo de Salina; estou já a ver a inauguração do meu estabelecimento de um dia na Rua de Lisboa ou na pracinha. O futuro há-de se pronunciar.

Em resumo: vai-se vivendo. Deixemos correr o marfim... E sabem que mais? Resolvi não sair daqui. Lá por onde estive há muita coisa grande e bonita: já as vi. Já estou satisfeito. Elas que esperem por mim. Por enquanto, parece-me que adquirei o direito de desfiar uns dias - sem grandeza, mas com o coração a trabalhar sem pressas, no seu lugar.

Uma das primeiras pessoas por quem perguntei, depois de chegado, foi nhâ Candinha.

—Está ainda por cá —responderam-me—. Ultimamente, passou bastante incomodada... Uns tempos, vive só na sua antiga casinha. Depois, quando se sente aborrecida, o Abel Ferreira vem buscá-la e ela distraí-se na companhia dos meninos do Abel. Lembras-te que nhâ Candinha gostou sempre de crianças.

E a pessoa que me informava continuou no divagar de uma recordação de acaso:

—Agora há pouco, ela teve por aí umas questões com o Josezinho Brito.

—Com Josezinho Brito? Mas que tem nhâ Candinha com o Josezinho?

—Oh gente, também não foi nenhuma grande coisa. Continuam com o seu tratamento antigo, a Eugénia, a mulher do Josezinho, está sempre em casa de nhâ Candinha... Eu, até, não sei dizer bem que questão foi essa. O Josezinho é abusado, teve sempre aquele velho feitio de querer mandar. Não é má pessoa... mas tem esse defeito. Creio que foi o que me contaram: lembrás-te da Guidinha, filha do Gregório Sena, sobrinha de nhâ Candinha, ela, coitada, foi infeliz. Coisas da vida... não se portou bem. O Josezinho ainda é parente de nhâ Candinha, sobrinho de Xalino. Achou que ela não devia receber a Guidinha, depois de esta ter o filho. Mas nhâ Candinha recusou-se a fechar-lhe a porta. Por isso, tiveram umas zangas... trocas de palavras... Não foi mais nada.

Descia eu pela minha velha rua abaixo, em uma das minhas primeiras tardes de São Vicente, quando reavistei nhâ Candinha. Uma criada ajudava um vulto miudinho de velha a descer vagarosamente o degrau da porta de casinha de outros tempos. A velhinha assentou-se numa cadeira de verga colocada no passeio, para tomar o sol da tarde. Aproximei-me e já me dirigia para ela, para abraçar de alma enternecida a doce amiga, cuja recordação nunca me deixara... Havia tantos anos!... Mas perto dela, os braços caíram-me.

Era nhâ Candinha que ali estava assentada? Aquela mumiazinha de rosto parado, que me fitava com a indiferença de quem olha para o vazio? Um penteador branco caía-lhe dos ombros só pele e osso. Um lencinho, branco,

tapava-lhe os cabelos. As mãos escuras e magríssimas estavam pousadas sobre o regaço, imóveis como dois leques fechados ao abandono.

Tudo isso era nada. O que me imobilizou foi o olhar vazio, gelado, olhar de alma paralisada, a quem já pouca coisa deste mundo interessava. O aroma adorável evolara-se e o vaso de cristal fino perdera labores, embaciara-se, já não quebrava a luz em cores irisadas.

Desconfiei que ela não me reconheceria se eu parasse para a cumprimentar e passei adiante. De conversa, em casa, comuniquei as minhas impressões:

—Vi hoje, à tarde, nhâ Candinha, quando passava pela sua porta. Não a cumprimentei, com receio de que ela não se lembrasse de mim. Envelheceu tanto! Não esperava encontrá-la tão acabada.

—Oh, sim! —responderam-me—. Já não é a mesma. E, depois, está, está tão desmemoriada! Caiu muito, não há dúvida. Mas também, nhâ Candinha não é nenhuma criança. Pensa quantos anos estiveste fora. Os anos vão passando...

—É verdade. Não se pensa nisso. Em minha cabeça tonta, eu vinha esperando encontrá-la a mesma pessoa. Disparate! Sim!... Falta de pensar. Mas é curioso, não é verdade?

Depois daquela tarde, quantas vezes tentei vencer a minha hesitação, ajoelhar-me aos pés de nhâ Candinha, tomar-lhe as mãos de ossatura fragilíssima, perguntar-lhe se não se lembrava de mim, aviventar-lhe reminiscências com um carinho infinito como quem reanima um fogo que se extingue sufocado pela cinza, dizer-lhe o que a sua lembrança tinha sido para mim durante a minha ausência... e outras tantas me senti detido, incapaz de vencer aquele olhar, que se tinha fechado para as luzes deste mundo!

Por fim, evitava cuidadosamente passar pelas imediações da sua casa, acossado por um receio singular de que ela, um dia, me reconhecesse e me chamasse com a sua voz de espectro que tivesse ficado a espalhar a inquietação numa estrada...

Em casa do Abel Ferreira, custou-me a distingui-lo, no meio da sua gente —mulher, cunhada, filhos—, na sala escura, de janelas cuidadosamente cerradas. Era quase necessário adivinhar na sombra vultos imóveis e silenciosos sobre cadeiras. Eu esperava uma daquelas manifestações espalhafatosas do Abel, mas, felizmente, o homem não se manifestou. Sai para a rua com uma sensação irrimediável de alívio, livre, restituído enfim a mim mesmo e à minha vida. O lenço passando pela testa, pelo rosto e in-

trozido entre o colarinho e o pescoço a enxugar o suor: meus caros, meio-dia e meia, ainda não são horas de afrouxar o calor; lá para a tarde, leva o seu tempo. Eu a entrar em casa meto-me debaixo do chuveiro, mudo de farpela, ponho-me em mangas de camisa.

Esperem: andando, andando, reparo que estou à porta da Celina. Bela pequena, podem crer. Alta, com o viço inconfundível da mocidade e certa maneira de fitar —a pupila sorridente meio escondida pela pálpebra abaixada. Claro: tem a sua crónica. Solicitamente, já me têm dado informações— que não pedi. Os boatos dançam-lhe a sua ronda em torno. Mas se formos a dar trela... Poucas escapam inteiramente. Qual é a mulher que não tem a sua crónica? Estou fazendo a minha vida; preciso de uma mulher: esta servia-me... Bati.

—Aqui tens uma visita. De passagem. Mas não digas que venho espiar-te poucas vezes. Como vai corpinho? Garrado? - Palestramos um nadinha. Ela, rindo-se e esquivando-se. Esperta... Veremos.

Já cheguei novamenet à minha rua. Custou, caramba! Uma autêntica estafadeira. O Hipólito Almeida, que —é curioso— foi quem me deu a notícia do falecimento de nhâ Candinha, ia a atravessar a minha rua, viu-me e dirigiu-se ao meu encontro.

—Você vem da casa do Abel? Eu vou lá agora. Ah!... Não estive para ir ao enterro. Nem podia. Estava de serviço. Por que diacho, também, foram escolher uma hora tão imprópria?

Mais uns passos: a casa de nhâ Candinha. Muda. A morte selou-lhe a porta, a janela, como só ela sabe selar, com a sua mão fria, fria e para sempre. Mas lá dentro, na varanda envidraçada, a última flecha de sol agoniza, espectro de ouro colado à parede que vai perdendo a cor devagar, a pouco e pouco... Com um ruído leve, vindo do outro mundo, o soalho range, nhâ Candinha impele docemente a cadeira de balouço. De cada vez, a flecha de sol contorna-lhe a cabeça numa auréola desmaiada.

—Dias há não te vi... Ah, já não és aquele meu amiguinho? Por que é que não vieste ontem? Estive à tua espera... Mas diz: queres-me cheio?... Abre a boca, fecha os olhos... —A voz de nhâ Candinha num murmúrio.

Um riso de criança retine, com aquela pureza que apenas se consente à vida no seu despontar - mas com o timbre como que longínquo, apagado, porque há tantos anos... há tantos anos...».

(ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES, in *Noite de Vento*, Caminho, Lisboa, 1998)